Ensaio Visual: Arqueologias Intimas: apontamentos

Jacqueline de Azevedo Vares (Artista Plástica - Uruguai)

RESUMO

Este ensaio visual surgiu a partir de uns cadernos que herdei de meu pai e que pertenciam ao meu avô paterno, Olmiro de Azevedo, advogado, poeta e escritor. Eu havia começado a experimentar a fotografia como ferramenta de ver e fazer. Além do aspecto afetivo, emocional, e do conteúdo desses cadernos, havia a beleza do papel manuscrito, a beleza do tempo e das marcas escritas – que datam da década de trinta. Pensei então em fazer essas assemblagens fotográficas, usando materiais que muitas vezes utilizei em outros trabalhos, como sementes, espinhos, pequenos vestígios de vida encontrados. Junto à escritura sutil e bela, aos versos fragmentados – mais sugeridos do que revelados – armei uma espécie de arqueologia íntima, um registro dessas camadas de materiais, de significados, de memórias; com gestos simples e contidos, deixando que as coisas falem por si mesmas. Nas palavras de meu avô, com quem sinto afinidade no ver e no sentir, frente à beleza das coisas simples: “Foi por isso, talvez, que falei baixinho tantas vezes, comigo mesmo, com ternura, a riscar traços no chão, esquecido, à sombra dos vinhedos...”. Esse olhar deslumbrado diante da poesia das coisas mais simples, o gesto distraído, terno, intimista, é o que tento trazer neste ensaio.

PALAVRAS-CHAVE

assemblagem fotográfica; memórias; poesia.

RESUMEN

Este ensayo visual surgió a partir de unos cuadernos que heredé de mi padre y que pertenecían a mi abuelo paterno, Olmiro de Azevedo, abogado, poeta y escritor. Yo había empezado a experimentar con la fotografía como herramienta de ver y hacer. Además del aspecto afectivo, emocional, y del contenido de esos cuadernos, estaba la belleza del papel manuscrito, la belleza del tiempo y de las marcas de la escritura que son de la década de los treinta. Pensé entonces en realizar esos assemblages fotográficos, usando materiales que muchas veces utilicé en otras obras, como semillas, espinas, pequeños vestigios de vida encontrados. Junto a la escritura sutil y bella, a los versos fragmentados - más sugeridos que revelados - armé una especie de arqueología íntima, un registro de esas capas de materiales, de significados, de memorias; con gestos sencillos y contenidos, dejando que las cosas hablen por sí mismas. En las palabras de mi abuelo, con quien siento afinidad en el ver y en el sentir, frente a la belleza de las cosas más sencillas: " Fue por eso, quizás, que hablé despacito, conmigo mismo, con ternura, a trazar garabatos en el piso, olvidado, a la sombra de los viñedos..." Esa mirada deslumbrada delante de la poesía de las cosa más sencillas, el gesto distrído, tierno, intimista, es lo que intento traer en este ensayo.

PALAVRAS CLAVE

ensamble fotográfico; memorias; poesía.

Jacqueline de Azevedo Vares

Artista plástica nascida em Caxias do Sul/RS, vive e trabalha em Montevideo/Uruguai, desde a década de setenta. Sua produção transita entre diversas linguagens, como desenho, pintura, gravura (serigrafia, litografia, relevo e metal), fotografia, colagem, objetos e instalação. Estudou com Clever Lara, Guillermo Fernández, Nelson Ramos, Nelson di Maggio, Alfredo Torres, Dorothee Willert, entre outros. Realizou exposições individuais e participou de coletivas em Montevideo, Buenos Aires, Lima, Santiago de Chile, Assunção, Porto Alegre e Caxias do Sul.

E-mail - jacquevares@gmail.com

Arqueologias íntimas: apontamentos
Jacqueline Vares

“tem vozes nestas rimas, coisas que não falam”

...a semente da castanha da Índia, ou americana e a semente
da castanha da Índia, semente intelectual
sempre a Europa, a África
e a Soudan, algumas vezes
a Índia, a América
e a Austrália. É a dominadora do mundo
do. A semente amarela, que compreende
diversas espécies, como a mongólica, a turca

de con vista a de Japão), que a ninguem é
dado, envolvendo na Europa, descondem o
humano perigo avassalador. E que é parte
e que ninguem teme o que é inferior, mas
o que é superior, somado. Na illogismo,
portanto, entre a designação de superioridade da
raça e o sentimento que ella inspira.
E terceiro grupo, raça normal, tendo
desaparecer. E composto dos indianos, japoneses.

palavras-semente

“é árvore,
fruto e flor”

...a, entre a China, a Índia e Japão; a
...a, malásia e Japão;
...a, a raça americana, dita tam
...a principal... psicologia... ra
...a, domina o... e D. e o... da
...a habitar... a... du
...a de N. da... a, do Japão
...a asiática e da... a an-
...a 1905 considerou... a como
...a, tal... amento da ma
...a o avanço de... a (bota-
...a o de Japão... a ninguém é
...a, somente na... a, descombu o
...a, a... a O que é feito
...a que ninguém tem... a é inspirar, mas
...a o que é superior, somente... a illogismo,
...a, entre a direção da... a da
...a, o sentimento que ella inspira.
...a, a... a, a... a
...a, o composto dos indios... a

Tranquillidade.

Por entre os pinheiros da minha Quinta,
sinto o ar de Terra com quem a encontrei;
tenho meu gado, meu fôrmo, e sei
que faço a vontade de uma garça entrançada.

Dem sobramos, vós a minha gai
^{mas talvez}
— e elle mesmo ~~tem~~ isto não muda.
Rebo das minhas fôrmas. Deito a lei
que faz tranquilla e sente a minha vida.

“param as vozes e tudo para,
na asa do vento que tudo leva”

falem de extrema nostalgia.
E no teu rosto que de pronto inverte
de novo a dor do fim do dia.

Vês-te assim como um suplicante
num teu talhe suplicante,
sem que te fiques ou mais te vistes
para consola que esse sim.

Ficas na tarde quef um monge,
espe toaf e só, lúgubre, um vulto
Rabem o vulto, e o vulto, longe,
e agora suplicante desta hora triste

param o vulto, e tudo para
na asa do vento que tudo leva
Vês-te o vulto, e o vulto, longe,
e agora suplicante desta hora triste
Tudo, morrendo, não clama de trina...
tudo, morrendo, não clama de trina...

palavras-espinho

Stomach.

Stomach full of
... ..

Stomach full of
... ..

"sorriem as ruínas num
deslumbramento de
inocência entre os liquens e
os cactos das ravinas"

...a falta nos corações. Era de
...
...e não o adensar de uma linha e a
...a dizer, subindo, que não passasse,
...que havia de voltar...
...Partido, com uma intenção
...com o coração entorpecido
...para não chorar.

Diana, sucessivamente, torna
...apinhada, de gente indifferente
...que não sabe de tu e sua vida
...Pó tu não tornas e não
...suffrir a falta que me faz
...surgimento de spleen...

palavras-pétalas

levando consigo a minha alegria,
em troca da dor em que me entrego.
Nasce o sol e o mar, minha onda flava,
Era um dia de festa aguilh. dia...
De festa nas casas. Era domingo.

E num o adeus de um longo e aumen, na distância!
a dizer, soluçando, que me perdesse,
que havia de voltar...

Partiste. Em mim entendi: um gesto de amor,
com o coração entendi,
para não esperar.

Diana, sucessivamente, tornam tuas
apinhadas de gente indifferente,
que não sabe de ti e não sabe de mim...

E tu não tornas e não vens
para a falta que minha alma sente,
enferme de spleen...

"fuga das horas...fuga azul de tantos sonhos..."

Hoje, o meu entre e dar uma profunda
e a nuada de Sombra acorda um hyman,
e em torno um mundo icha? tudo mesmo,

cuido que a tarde, em meus afago grande,
transfigurados os uns dos outros divinos,
mas entendidos sobre mim, regando...

"dentro da pequenez do que é infinito"

p
a
l
a
v
r
a
s

p
e
d
r
a

For the month carcasses of
and fish
~~some specimens of the month~~ found

Sombras.

Vem para cá, saudade pela noite...
Vem para cá, saudade dentro em mim...
Também estou estada de longe
me lembro de mim?

Vem um grande amor tua.

Também grande é o amor de onde vim...
E há quem diga que o silêncio fala
Das coisas todas que tiveram fim!

a poesia, as palavras, a memória, os guardados da alma